

ANTIMONUMENTALIZAÇÃO

Carlito Azevedo

Imaginemos um arqueólogo que encontrasse a ossada de um estranho centauro, metade homem, metade mobiliário. Poderíamos estar diante de um poema de Joseph Brodsky, como aquele que diz que toda enchente cresce gota a gota, arrasa palmo a palmo, até que chega o momento de pôr a criança nos ombros, como um periscópio, para enxergar o que vem pela frente. Mas na verdade estamos diante de um trabalho de José Rufino, que desvela as vértebras de uma enchente (árvores, móveis, retratos, a vida toda) e o torrencial que há num esqueleto (fluxo esparramado no chão, em poças que se buscam).

Imaginemos que cada aparelho burocrático cresce, folha de papel por folha de papel, arquivo por arquivo, cadeira por cadeira. Poderíamos estar diante do processo kafkiano que levou o ser humano das Tábuas da Lei à guilhotina, instrumento que, aliás, segundo um historiador, foi a primeira máquina de tirar retratos. Mas estamos diante de um trabalho de José Rufino, que conhece a sístole e a diástole das gavetas, essa continuação da guilhotina por outros meios, como se diz da paz que é a continuação da guerra por outros meios.

Imaginemos um dispositivo, metade cristaleira da casa da avó, metade mobiliário de sala administrativa, e nele cresceriam os tentáculos de uma raiz, como feixes de luz vegetal, e nela/nele seriam guardados, após processo fosfórico e contínuo de antimonumentalização, geometrias tão singelas como certa roda de bicicleta que há quase um século ajuda o mundo a girar ora mais, ora menos desorbitado de sua órbita. Imaginemos tudo isso e passaremos a circular num ambiente sensível, um contraespaço, que a obra de José Rufino institui e dá a ver.

Imaginemos um rio de esquecimento que nos oferecesse não só o fluxo, mas a estaticidade. Bem como um corpo de arquivos e móveis que figuraria não só o congelado, não só o silêncio, mas o formigamento ativo de sua fala, sua imantação perpétua entre o opaco e o transparente.

Compreenderemos então que em José Rufino o impulso criativo parece mais interessado em desconcertar do que em satisfazer as expectativas mais óbvias que cresceram como erva daninha no sítio artístico. Que ele prefere oferecer experiências desestabilizadoras a acenar de um porto seguro. Algo que só é possível para os artistas que sabem que os impulsos de destruição e de criação da vida medem ininterruptamente suas forças, obra a obra, alumbramento a alumbramento, e se parecem como uma aranha no espelho.

AZEVEDO, Carlito. Antimonumentalização. Santa Art Magazine #06. Rio de Janeiro: Edição Cerebelo Artes, 2011. p. 84-87.